



**NASCE UMA TRADIÇÃO DE BOI DE ENCANTARIA: LOURENÇO  
LÉGUA E O BOI DAS TRÊS ESTRELAS  
(MARITUBA -PA)**

***BORN THE CHARMING OX TRADICIONAL: LOURENÇO LÉGUA AND  
THE BOI DAS TRÊS ESTRELAS  
(MARITUBA - PA)***

Diogo Jorge de Melo<sup>1</sup>

Marcos Henrique de Oliveira Zanotti Rosi<sup>2</sup>

Gisele Nascimento Barroso<sup>3</sup>

**RESUMO**

O trabalho se constitui em uma descrição sobre a festividade do Caboclo Lourenço Légua e o Boi das Três Estrelas na *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, em Marituba, região metropolitana de Belém, Pará. Discutindo as tradições dos “bois de encantaria” ou “boi de encantados” no Pará e no Maranhão, considerando o surgimento e a continuidade da festividade do Boi das Três Estrelas. O qual reivindica a tradição maranhense do Tambor de Mina Jêje-Nagô, fundada pelo sacerdote Jorge Itacy, mais conhecido como Jorge Babalaô, que realizava a festividade de bumba-meu-boi para o seu encantado Légua Boji Buá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Encantaria, Bumba-meu-boi, Tambor de Mina, Afrodiáspora

**ABSTRACT**

This paper is a description of the festivity of Caboclo Lourenço Légua and Three Stars Ox at the *Ilê Ashé Jêje Nagô Ogum, Toy Lissá and Oyá*, in Marituba, metropolitan region of Belém, Pará. Discussing about the traditions of “enchantment ox” or “enchanted ox” at Pará and Maranhão states, considering the emergence and continuity of the festivity of the Three Stars Ox. Which claims the Maranhão tradition of the Drums of Mina Jêje-Nagô, founded by priest Jorge Itacy, better known as Jorge Babalaô, who performed the bumba-meu-boi festivity for his enchanted Légua Boji Buá.

**KEYWORDS:** Enchantment, Bumba-meu-boi, Tambor de Mina, Aphrodiáspora

<sup>1</sup> Doutor em Museologia e Patrimônio (UNIRIO e MAST) e em Ensino e História de Ciências da Terra na UNICAMP. Professor do curso de Museologia da UFPA, coordenador do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. [diogojmelo@gmail.com](mailto:diogojmelo@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará, Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pelas Faculdades Integradas Ipiranga e Secretário do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas e Coordenador do Coletivo Museu Surrupira. [marcos\\_zanotti@live.com](mailto:marcos_zanotti@live.com)

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela UFPA, professora da Rede Estadual de Ensino do Pará e Vice-Coordenadora do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. [gisa.barroso@gmail.com](mailto:gisa.barroso@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

Desde 2020 estamos acompanhando diversas atividades na *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, coordenada pelo Babalorixá Ogunilô (Sérgio Fernando Nascimento) e o Babá Babakeleô (Felipe Antônio Santos Carvalho), no bairro da Pedreirinha, Marituba (PA), da tradição Mina Jeje-Nagô Cambinda da Mata<sup>4</sup>. Participações que estavam previstas no Projeto de Pesquisa “Museologia, Decolonialidade e Memória: desdobramentos teóricos a partir de contextos afrodiaspóricos e amazônicos” e no Projeto de Extensão “Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas” (Museu Surrupira), ambos vinculados ao curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, que previam ações e levantamento de dados junto as comunidades de terreiro, entre elas, a referida Casa de Mina. Realizando assim diversas ações e levantamento de informações para nossas pesquisas. Inclusive o sacerdote Babakeleô participou de nossas atividades, nominada de “Noites no Museu Surrupira”. Devemos ressaltar que esta atividade consiste em encontros virtuais noturnos, gravados, onde realizamos conversas com diversos praticantes das religiões afrodiaspóricas, pesquisadores e outros protagonistas de relevância para os projetos, com o objetivo de fornecer visibilidade as comunidades de terreiro e pesquisas sobre o tema, incluindo questões raciais e de gênero, transversais aos projetos (MELO et al., 2022).

As gravações das “Noites no Museu Surrupira” são disponibilizadas nas redes sociais do Museu Surrupira e são muitas vezes utilizadas como fontes primárias para nossas pesquisas, como narrativas, conforme metodologias aplicadas pela História Oral e Memória Social (MEIHY & HOLANDA, 2007; CANDAU, 2011). Nesse contexto, utilizamos a narrativa de Babakeleô nesta atividade como uma das fontes deste trabalho, que se soma as nossas vivências junto à comunidade deste terreiro, o qual interagimos como nas metodologias de pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Mais especificamente, estamos utilizando os dados do encontro das “Noites do Museu Surrupira” ocorrido no dia 14 de julho de 2021, intitulado “Boi das Três Estrelas: quando o Bumbá se junta a fé de terreiro”<sup>5</sup> e nossas vivências durante as festividades de 2020 e 2021.

Ao longo destes dois anos, estando juntos a comunidade da *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, estivemos presentes em diversos momentos, como festejos para orixás,

---

<sup>4</sup> Conforme proferido pela própria comunidade.

<sup>5</sup> Entrevista disponível em <https://www.facebook.com/museusurrupira>



vodunços (Senhores de Toalha) e inúmeros rituais para caboclos, normalmente nominadas de “tambor”. Neste percurso uma das atividades que se destacou aos nossos olhos foi a do “Boi das Três Estrelas”, vinculada ao tambor do Caboclo Lourenço Légua, principalmente por estarmos presenciando a criação de uma tradição cultural, que vai de encontro aos escritos por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997).

Autores que buscaram compreender como as tradições culturais se consolidam e identificam dois tipos de tradições, que denominam de genuínas e inventadas. Sendo as inventadas “que surgiram e que se tornam difíceis de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (p.9), não reconhecendo sua origem. Por outra via, a tradição inventada se caracteriza por um conjunto de regras, estabelecida por meio da repetição, normalmente de natureza ritual ou simbólica, capazes de gerar uma continuidade. Neste caso, a tradição do “Boi das Três Estrelas” se estrutura como um processo cultural singular, por reivindicar sua tradição no Maranhão, junto a origem de sua nação do Tambor de Mina, onde buscam os imaginários simbólicos que a sustentam.

Compreendemos que o Boi das Três Estrelas se constitui como uma tradição inventada, no sentido de que não existiu uma perpetuação direta da tradição de bois de encantaria nesse terreiro. Sendo ele um constructo de conhecimentos e saberes que se articulam com base em conhecimentos tradicionais, e que nos apresenta uma vigência de possibilidades de reproduções e invenções de diversos aportes. Fato que torna nossos relatos demasiadamente importantes, por dialogar entre a tradição originária e o novo, a invenção. A qual se apresenta em um outro território de domínio e almeja a sua perpetuação assim como a consolidação de sua identidade.

Com base no apresentado, definimos o objetivo deste trabalho como a intenção de descrever e contextualizar a festividade do “Boi das Três Estrelas” em suas manifestações nos anos de 2020 e 2021, discutindo a questão das tradições culturais, principalmente referente as religiões afrodiáspóricas na Região Metropolitana de Belém (PA). Devemos reiterar, que não sabemos se esta tradição perdurará, já que o sacerdote Babakeleô veio a falecer no dia 26 de janeiro de 2022 e tal festividade era diretamente vinculada ao seu caboclo encantado, Lourenço Légua.

Atualmente o terreiro vive um momento de luto, no qual suas atividades encontram-se suspensas e a continuação dessa tradição vai depender principalmente das intenções do



principal dirigente da casa, o Babalorixá Ogunilô. Deste modo, tal discussão também nos reporta a questão de gênese, permanência e morte, no jogo mnemônico do lembrar e do esquecer, fundamentado na discussão das tradições culturais, principalmente no contexto afrodiáspórico. Aspectos que nos permite elucidar ou ao menos imaginar inferências sobre as realidades dos terreiros, que compreendemos como lugares culturalmente híbridos, forjados por zonas de contanto ou fronteira em que foram postas as culturas afrodiáspóricas.

Devemos aqui declarar nosso diversos agradecimentos à comunidade da *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, principalmente dos Sacerdotes Ogunilô e Babakeleô e membros como Maria Helena Cruz de Carvalho<sup>6</sup> o Pai Pequeno Alaguiã, a Sacerdotisa Ofálocy, dentre outros, por permitiram nosso convívio em sua comunidades e sempre foram muito bem receptivos e dispostos a esclarecerem nossas questões. Agradecemos a diversos outros sacerdotes que vem contribuindo com o Museu Virtual Surrupira de Encantaria Amazônica, que influenciaram diretamente ou indiretamente este trabalho, aqui com destaque para Pai Felipe Bandeira, por ter trocado muitos de seus conhecimentos sobre o Boi de Encantaria no Maranhão ao longo do processo de escrita desse trabalho. Por fim, evidenciamos toda a equipe do Museu Surrupira, principalmente a bolsista de pesquisa Ana Cristina Silva Souza (PIBIC-UFPA), que participou da festividade no ano de 2021 e nos auxiliou no seu registro.

### A tradição dos Bois de Terreiro

Salve os terreiros que o pai Oxalá mandou  
Turquia, Casa das Minas e a Casa de Nagô  
Viva Deus, viva as rainhas  
E os reis da encantaria  
Rei Badé, Rei Verequete  
O rei da Alexandria  
Rei Guajá, Rei Surrupira  
Rei Dom Luís, Rei Dom João  
Rei dos feiticeiros, dos exus e Rei Leão  
Rei Oxossi, Rei Xangô  
Rei Camundá, Rei Xapanã  
Rei Barão, Rei de Guaré  
Protejam o Boi do Maracanã  
Rei da Bandeira, o rei da maresia  
Rei de Itabaiana, salve o Rei da Bahia  
E os reis que eu não falei em verso, falo do meu coração

<sup>6</sup> *Eke* confirmada de Babakeleô e colaboradora do Museu Surrupira.



Salve o rei dos índios, salve o Rei Sebastião<sup>7</sup>

As tradições de bumba-meu-boi ou bois-bumbás<sup>8</sup> encontram-se espalhadas por todo o Brasil, mas a região amazônica, incluindo o Maranhão são locais onde estas manifestações possuem grande popularidade, inclusive os denominados bois de terreiros ou de encantaria vinculados geralmente a casas de Tambor de Mina, e que nascem pelo desejo de entidades espirituais. Estes bois de terreiro, apesar de também estarem presentes nas festividades de bumbás em geral apresentam-se nos arraiais promovidos no centro histórico da capital maranhense e outros bairros durante a quadra junina, contudo, mantém seu ciclo festivo vinculado ao calendário de seu terreiro de origem.

Destacamos também as festividades que ocorrem em Parintins no Estado do Amazonas (NOGUEIRA, 2008). Estas manifestações sempre intrigaram diversos estudiosos sobre a sua origem, alguns argumentando ser ibérica, mas a grande maioria entende sua origem como negra africana, principalmente nos povos bantos e sudaneses e também não podemos negar diversas contribuições culturais indígenas (LEITE, 2003; SÃO LUÍS, 2011). Como mencionamos, acreditamos em diversas influências que se uniram e se configuraram pelo surgimento de “zonas de contato” ou de “fronteira” (PRATT, 1999; CLIFFORD, 1997), que proporcionam o desenvolvimento de novas tradições culturais, pautadas em diversas outras já existentes, mas que se estruturam dando origem a aspectos culturais diferenciados e nem sempre coerentes entre si, hibridizados. Neste processo, as culturas afrodiaspóricas, se relacionaram a outros contextos culturais e se diversificaram, utilizando este processo como um mecanismo de resistência, para conseguirem continuar existindo socialmente, principalmente em decorrência do peso da colonialidade e do racismo estrutural (MELO, 2020).

Especificamente o que nos interessa aqui, dentre essas inúmeras manifestações de bumba-meu-boi é compreender melhor o que são estas festividades de boi dentro dos terreiros das religiões afrodiaspóricas, principalmente no Maranhão e no Pará, que nominamos de “bois de encantaria”, também chamadas de “bois de encantado”, categoria a qual vinculamos o Boi

<sup>7</sup> Toada “Reis da Encantaria” de Humberto Mendes para o Bumba-meu-boi de Maracanã, São Luís (MA).

<sup>8</sup> Bumba-meu-boi, dentre outras nomações, é um termo genérico da manifestação cultural, podendo também se chamado de Boi-bumbá, Boi Surubi, Boi Calemba, Boi-de-mamão, Boi Pintadinho, Boi Maiadinho, Boizinho, Boi Barroso, Boi Canário, Boi Jaraguá, Boi de Canastra, Boi de Fita, Boi Humaitá, Boi de Reis, Reis de Boi, Boi Araçá, Boi Pitanga, Boi Espaço e Boi de Jacá, dentre outras possíveis terminologias existentes ao longo do território nacional (SÃO LUÍS, 2011).



das Três Estrelas. Tal manifestação, como mencionada, está associada a *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, localizada no Bairro da Pedreirinha, na cidade de Marituba, região metropolitana de Belém (PA).

Diferentemente do Maranhão, os bois de encantaria parecem ter se mantido bem mais populares, já na região metropolitana de Belém temos poucos relatos deste tipo de manifestação culturais. Logo, evidenciar uma dessas tradições e registrando-a no momento de seu surgimento e do seu possível processo de consolidação para perpetuação, nos possibilita compreender um pouco mais sobre as dinâmicas culturais afrodiáspóricas. Já que compreendemos que a tradição do Boi das Três Estrelas, assim como nasceu pode ser esquecida e nesse tipo de dinâmica que surgem e desaparecem os bois de encantarias.

Temos conhecimento de poucas festividades dessa natureza em Belém, encontramos por exemplo informações que o Instituto Cultural Nagô Afro-Brasileiro (ICNAB), realiza ou realizava o Boi Zumdanda de Joãozinho Bogi<sup>9</sup>. Além deste, Babakeleô em sua fala nas “Noites no Museu Surrupira” menciona acreditar ser o único terreiro que realiza tal manifestação no Município de Marituba, mas menciona Mãe Aleteia<sup>10</sup> de sua nação, que realizava festividade de boi em Marituba, mas seu terreiro parece que fechou ou se mudou. Além destas, temos algumas outras e vagas menções sobre bois de encantaria em Belém, as quais não conseguimos maiores detalhes.

Contextualizando a questão dos bois de encantaria em Belém (PA), evidenciamos a fala de Pai Felipe Bandeira (Babalorixá Obé Yrí Onã)<sup>11</sup>, que ao perguntarmos se seu terreiro realizava tal festividade, mencionou ser muito raro encontrá-la em Belém, uma vez que sua origem é maranhense, onde existe disputas entre os Bois de Encantado, semelhante ao que ocorre em Belém com as quadrilhas juninas. O sacerdote acredita que esta tradição em Belém deve ser distinta da que presenciou em São Luís (MA), justamente pela dificuldade em transpor essa essência e ideias originais. Por exemplo a quantidade de pessoas envolvidas, por si só, já

<sup>9</sup> Não sabemos se essa festividade ainda é realizada. Encontramos informações na página do ICNAB no Facebook (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100005767268117>).

<sup>10</sup> Acreditamos se tratar da Nochê Aleteia de Vodun Abgê, pois encontramos informações nas redes sociais um convite para a sexta festividade do Arrastão do Boi Orgulho de Mearim (realizada em 2015), aparentemente vinculado ao encantado Toquinho e Arueira (<https://www.facebook.com/photo?fbid=1636606449913502&set=gm.848142075263284>).

<sup>11</sup> Entramos em contato com Pai Felipe no momento em que realizávamos esta pesquisa, com objetivo de levantarmos outras festividades de boi de encantaria em Belém (PA). Este se mostrou muito interessado pelo tema e neste percurso acabou compartilhando muitas de suas experiências com a cultura de boi no Maranhão e nesse aspecto entendemos que sua fala consegue contextualizar bem a realidade desta tradição.



diferenciariam as duas tradições. Acredita que todas as pessoas que realizam festividade de boi no Pará, provavelmente viram ou experienciaram esta cultura em São Luís do Maranhão e trouxeram um pouco desta essência. Fala que nos indica que a realidade dos bois de encantaria em Belém (PA) são na verdade uma inspiração da raiz maranhense, tendo suas construções bem diferenciadas da tradição matriz, pois sabemos que as lacunas sempre são preenchidas por inovações, processo em que ocorrem as hibridações culturais (HALL, 2003).

Em sua narrativa, Babakeleô mencionou estar resgatando uma tradição do terreiro fundador de sua nação, o Boi de Légua Boji Buá que era realizado por Pai Jorge Itaci de Oliveira (1941-2003), também conhecido como Jorge Babalaô ou Jorge da Fé em Deus, considerado o patriarca fundador da Mina Jejê-Nagô. Deste modo, compreende que a origem do Boi das Três Estrelas está nos bois de encantaria do Maranhão. Desse modo, podemos entender que esse é mais que um resgate cultural e sim uma reconstrução de conhecimentos que este terreiro possuía sobre tal festividades, agregando novas concepções e adequações e por isso o compreendemos como uma invenção de tradição. Devemos assim nos indagar sobre o que são os bois de encantarias do Maranhão e qual é o significado dessa origem reivindicada pela *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*? Aspecto em que Pai Jorge Babalaô se torna uma figura central, sendo ele o principal marco identitário para a consolidação da tradição do Boi das Três Estrelas.

Sabemos que a iniciação de Pai Jorge Babalaô se procedeu junto ao Terreiro do Egito, a partir de Dona Elízia Santana de Amasor, que o levou a Mãe Pia (Maria Pia Lagos), que o preparou como sacerdote. Devemos também citar que foram Mãe Dudu de Iemanjá, chefe da Casa de Nagô, e Mãe Amélia de Doçu, da Casa das Minas, as sacerdotisas que o introduziu ao culto aos voduns, e com isto o sacerdote se torna reconhecidamente um marco para a Mina Jêje-Nagô, mesclando tradições africanas e dando origem a uma das tradições do Tambor de Mina (MURAD, 2012). Segundo a fala de Ogunnilô, em diversas circunstâncias, a tradição dita Jejê-Nagô se somou ao que denomina como “Cambinda da Mata”, que segundo o sacerdote se deve a junção com os encantados das Matas do Codó e que nos remete a mais uma tradição afrodiáspórica, no caso vinculada a uma das etnias banto, Cabinda<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Grupo banto, pertencente a grande etnia Kongo e abrangem diversas áreas geográficas da costa ocidental de África.



Devemos contextualizar historicamente, que nos terreiros de Tambor de Mina maranhense vigorava o matriarcado, onde os filhos homens não podiam dançar e por consequência deste fato, acabaram por fundarem os seus próprios terreiros, dispondo de novas regras, onde pessoas dos ambos os sexos poderiam participar plenamente das atividades do terreiro. Justamente nesse processo que Pai Jorge Babalaô, conjuntamente a Manoel de Averequete e Euclides de Oxalá também se tornaram precursores de novas matrizes litúrgica dentro do Tambor de Mina, sendo fortemente referenciados nos dias atuais (MURAD, 2012).

Pai Jorge Babalaô fundou a Casa de Iemanjá, no Bairro da Fé em Deus em São Luís (MA), onde destacavam-se diversas entidades como a de seus orixás de cabeça - Iemanjá e Xangô, e os vodunços - D. Luís, Rei de França, Poliboji, Caboclo da Bandeira (Rei da Bandeira) e Légua Boji Buá. Sabemos que as principais festividades de seu terreiro eram a de Iemanjá (8 de dezembro), Xangô (2 de fevereiro), D. Luís juntamente com a festa do Divino Espírito Santo (25 de Agosto); Poliboji, no dia de Santo Antônio (13 de junho), Caboclo da Bandeira (15 de fevereiro); Caboclo Guerreiro e os turcos (19 e 23 de abril, Santo Expedito e São Jorge) e Légua Boji Buá conjuntamente com o Boi, sendo realizada em diversas circunstâncias, do batismo do boi em junho à sua morte, normalmente em novembro (SÃO LUÍS, 2011; MURAD, 2012).

São poucos os relatos que encontramos sobre a festividade de Légua Boji e seu boi de encantaria. Existem algumas filmagens, inclusive disponíveis na internet, como as do documentário “Tambor de Mina do Maranhão”, em que podemos visualizar Légua Boji incorporado em Pai Jorge Babalaô. Temos também relatos como o de Mundicarmo Ferretti (2001), mencionando que a entidade nesse pai de santo se manifesta como “jovem, brincalhão, meio rude e desbocado, tem numerosos amigos, gosta muito de bebida alcoólica e da brincadeira de Bumba-boi” (p.159). A antropóloga infere que tal encantado, segundo a acepção deste sacerdote: “é um dos encantados mais antigos do Codó, mas a família de Légua entrou ali quando já havia acabado a euforia do algodão, e ele veio como um dos ‘filhos do gado’, daí por que aparece com chapéu de couro e rebenque” (p.160). Ainda segundo Jorge Babalaô, tal família de encantados “aportou” em São Luís (MA) no início do século XX e teriam sido trazidos por Maximiana e imigrantes do Mearim e Codó.

De acordo com aquele pai-de-santo, Légua Bogi ‘tomou nome’ em Codó por que era um orixá que, quando invocado, vinha mesmo, e em figura de gente – aparecia em Codó em espírito e matéria (não apenas incorporado em médium). Muitas pessoas o viram entrando na cidade, montado em um burro. Mas ele montava o burro ao



contrário e segurava no rabo do animal como se fosse a rédea. Quando entrava na cidade ia cuspiando nas paredes das casas dos brancos, do povo que tinha dinheiro, e falando palavrão. Queria provocar as pessoas, que elas viessem “falar para ele” para que ele pudesse castigá-las. Elas ficavam possuídas, se batendo, se arrebatando, e depois ele ia embora, com uma garrafa de cachaça de lado, e desaparecia” (FERRETTI, 2001, p.160).

Já presenciemos na região metropolitana de Belém algumas poucas incorporações de Leguá Boji, duas na *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, estando ele incorporado em Ogunilô e em uma de suas filhas e outra no terreiro mais antigo da cidade de Belém, o Terreiro de Mina Dois Irmão. Todas incorporações relativamente parecidas, vindo como um homem aparentemente mais velho, com dificuldades para caminhar e quando em “guma”, todos os encantados de sua família o reverenciam, aparentemente com semblante sério porem relativamente calmo.

O inventário de patrimonialização realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Maranhão publicado em 2011 nos aponta algumas pistas sobre as manifestações culturais dos bois de encantaria. Primordialmente mostrando a forte ligação das culturais dos bumba-meu-boi com terreiros das religiões afrodiáspóricas, principalmente do Tambor de Mina. Assim como na toada do Bumba-meu-boi de Maracanã, citada acima, que nos faz perceber essa ligação com as tradições do Tambor de Mina, cantando aos reis das encantarias ao modo de uma abertura litúrgica de rituais afrodiáspóricos. Devemos assim, evidenciar o sagrado presente nos bois e que muitas vezes se configuram a partir de um catolicismo popular, onde diversos santos ganham reverência, principalmente os juninos, conjugados a diversas entidades afrodiáspóricas, como o caso de Légua Boji Buá.

O devido inventário, considera que a religiosidade dos bois se configuram como uma celebração que exalta os sentidos e valores das suas práticas sociais, em um universo onde “o boi é um símbolo múltiplo, oferecido e apresentado comumente em diferentes contextos religiosos em razão de grande parte dos brincantes serem devotos cientes do caráter religioso que os liga individualmente ou em grupo às diferentes divindades” (SÃO LUÍS, 2011 p.79). Em acordo como o pensamento de Sanches (2003), compreende o boi como um sistema de dádivas entre seus participantes e as divindades, pois é por meio do boi que se homenageia e celebra o divino, em um sentido de agraciação, muitas vezes vinculadas a promessas.

Com relação as festividades de boi e os cultos afrodiáspóricos, principalmente os diversos segmentos do Tambor de Mina, a própria mítica de alguns encantados já nos fornecem



relações simbólicas, pois muitas vezes são narradas histórias, como a que Rei Sebastião se encanta em um touro negro e vaga pela praia do Lençol (Arquipélago de Maiaú, Município de Cururupu, MA). Uma entidade, vodunça ou senhor de toalha, que comanda os encantados da Família do Lençol, que seria a mesma personagem histórica do rei português desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir em 1578 no Marrocos. Rei Sebastião teria se encantado nessa batalha e aportado na Praia do Lençol, onde fundou sua encantaria. Os encantados são entidades que viviam na terra, mas que em determinado momento passaram para o plano espiritual sem conhecer a experiência da morte, atravessando esta fronteira pelo encantamento (PRANDI, 2008, p. 37).

Segundo os relatos, Rei Sebastião, “aguarda, esperançoso, que algum corajoso o liberte da maldição que o colocou naquela situação, ferindo-o na testa” (SÃO LUÍS, 2011 p.91). Mencionando que junto como o desencante do rei, a sua cidade surgirá do fundo com todos os seus tesouros e São Luís será submersa. Por este fato, que se canta no Tambor de Mina “Rei é rei / Rei Sebastião / Quem desencanta Lençol / Põe abaixo o Maranhão”<sup>13</sup>.

Temos relatos míticos que o próprio Légua Boji Buá se manifesta como um touro negro com uma estrela brilhante na testa e que aparece de noite na cidade do Codó (MA). Como no relato apresentado por Mundicarmo Ferretti (2001), mencionando que nessas aparições ele parte para cima de médiuns, religiosos, que não cumpriram suas obrigações para com ele. Temos também o relato que um dos milagres de Légua foi fazer um boi aparecer na frente do senhor da fazenda e assim salvou os escravizados dos suplícios que estavam sofrendo por terem matado o boi para matar a fome (FERRETTI, 2000; 2001).

Histórias míticas que ampliam ainda mais a relação de Légua Boji e sua família com as festividades de boi, tanto clamada por estes encantados. Assim como a relação simbólica destes o ofício de boiadeiro/vaqueiro, nomeações pelas quais são normalmente adjetivados. Devemos lembrar que a família de légua é composta majoritariamente por encantados negros, que foram escravizados e que são associados a ofícios rurais, principalmente como agricultura e o cuidado com o gado.

Sabemos que normalmente os “bois de encantaria” nascem por desejo ou pedido de um encantado e em alguns casos nem são publicamente apresentados à comunidade, “nascem,

---

<sup>13</sup> Doutrina muito popular e cantada nos terreiros de Belém.



batizam-se e morrem nos espaços do próprio terreiro” (IPHAN, 2011 p.85), em um compromisso íntimo travado entre o afroreligioso e o seu encantado.

A relação dos encantados com a brincadeira é tão forte, que pode ocorrer, inclusive, de **o próprio encantado compor as toadas de Bumba-meu-boi e dar aos anos para serem cantadas**, conforme revela José Costa de Jesus. Há casos, ainda, em que as toadas são compostas e cantadas pelas entidades espirituais, o que ocorre quando se trata de Bois de Encantado restritos aos Terreiros. (SÃO LUÍS, 2011, p.85, grifo nosso)

Inclusive existem relatos de alguns sacerdotes não possuírem ligações anteriores com esse tipo de festividade e as vezes nem demonstram apreço por ela. O que enfatiza muitas vezes uma vontade vinda mais do encantado do que dos próprios sacerdotes (SÃO LUÍS, 2011).

Os Bois de Encantados geralmente não têm uma organização muito complexa, pois neles os brincantes costumam ser os pais e filhos-de-santo, tocadores e auxiliares dos terreiros. Mas alguns deles costumam contar com a participação de grupos de Boi comandados por pessoas amigas ou cujo dono é devoto da entidade a quem pertence o boizinho e para quem é oferecida a brincadeira [...] (FERRETTI, 2008 p.5)

Nesse sentido, visualizamos aqui um panorama dos bois de encantaria, fortemente ligado aos universos dos encantados afrodiáspóricos e com grande consonância com a sua mítica, a qual faz com que o boi seja entendido como mais um componente dos encantos dos terreiros, sendo ele uma entidade cultuada por entidades, sendo um forte símbolo dessa cosmologia religiosa. A qual encantados se transmutam em boi, assim como o boi ganha vida durante a festividade para ritualisticamente morrer ao final em um sacrifício simbólico em que se pagam promessas, se ganha bênção e principalmente se exalta a alacridade afrodiáspórica, como apresentado por Muniz Sodré (2017),

### **Surge a tradição do Boi das três estrelas**

Mas ele vem descendo a ribanceira  
Lá nas matas do Codó  
Mas ele vem descendo a ribanceira  
Lá nas matas do Codó  
Mas com ele, ninguém pode  
Só Deus, Loureço Légua é o Maior



O Caboclo Lourenço Légua era uma das principais entidades de Babakeleô, sendo seu Codoense ou entidade ligada a Família de Légua<sup>14</sup>, referência ao vodunço Légua Boji Buá da Sucena Trindade, um dos patriarcas desta família encantada<sup>15</sup>. Segundo Prandi e Souza (2004) Lourenço é um dos principais codoenses e muito próximo ao seu pai, sendo alegre e desvolto. Características que se faziam presente quando incorporado em Babakeleô, já que ele era extremamente respeitado no terreiro e sendo um dos caboclos mais adorados por sua comunidade, inclusive a doutrina citada acima, era uma das marcas registradas desta entidade, sempre entoado com muita alegria por ele e todos os participantes do terreiro. Devemos destacar estas características, pois foi a partir delas que se sustenta a festividade do “Boi das Três Estrelas”, que é realizado durante o festejo dessa entidade, o que nos faz acreditar que o próprio encantado deve ter manifestado seu interesse na realização desse boi de encantaria. No entanto, observamos grande entusiasmos dos sacerdotes em relação a esta festividade, o que nos mostra que eles também possuíam grande interesse por ela, logo consideramos que a gênese dessa festividade se formou a partir destas duas vertentes.

Já que não conseguimos elucidar ao certo como o desejo dessa manifestação surgiu na *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, achamos relevante fazer a descrição de um dos momentos ocorrido junto à comunidade desse terreiro, num encontro não específico, mas que precedia a festividade no ano de 2020. Foi nesta ocasião que tomamos conhecimento sobre a existência da primeira festividade do Boi das Três Estrelas, fato ocorrido em um dia que não sabemos identificar, em 2020.

Na ocasião, ao chegarmos no terreiro, diversas toadas de bois maranhense tocavam em uma caixa de som e os pais de santo acompanhavam cantando muitas dessas toadas. Atitude que nos chamou atenção por conhecermos e gostarmos destas toadas e que nos desvelou o gosto destes sacerdotes pela cultura de boi. Nesse momento nada sabíamos e nada nos foi dito, só posteriormente ficamos sabendo sobre as intenções da festividade, que sem dúvida já estava sendo produzida pela comunidade, como a própria confecção do boi<sup>16</sup>, que ganharia vida pela primeira vez.

---

<sup>14</sup> Também nominada de Família do Codó.

<sup>15</sup> A grande maioria das entidades da Família de Légua se dizem filhos de Légua Boji Buá, no entanto a encantaria da qual fazem parte é comandada pelos vodunços Pedro Angassu e Rainha Rosa.

<sup>16</sup> Segundo Babakeleo o boi foi confeccionado pelo seu primeiro ogan, Akorôgunja.



Antes de dar prosseguimento a nossos relatos devemos descrever que a *Casa de Mina Jêje Nagô Ogum Toy Lissa e Oya*, se divide em dois espaços distintos, construídos em terrenos próximos, mas separados por uma residência que não faz parte do terreiro, que se localiza entre ambos os espaços. A primeira parte é uma edificação de dois andares onde encontram-se basicamente todos os fundamentos do terreiro, inclusive o salão principal onde ocorrem as saídas de orixá e vodunços, mas muitas vezes ocorrem festividades de caboclos nesse espaço. Já o segundo andar foi preparado como um salão de festas, intitulado como “Salão da Bela Turca”, em homenagem a uma das principais entidades da casa, a Cabocla Mariana manifestada em Ogunilô.

Utilizado para comemorações normalmente realizadas após as festividades. O segundo terreno é composto pela residência dos sacerdotes e aos fundos temos um terreiro onde é realizado diversas festividades de caboclos é justamente neste espaço que as festividades do Boi das Três Estrelas foram realizadas, espaço nominado por sua comunidade afetuosamente como “Puxadinho de Seô Lourenço”. Devemos ressaltar que adjacente ao terreiro temos uma praça que também será um dos locais de manifestação da festividade em questão.

O primeiro festejo do Boi das Três Estrelas ocorrido em 2020 foi bem restrito para comunidade e poucos convidados, principalmente devido as restrições da Covid-19, nesse ano, só participamos das atividades do penúltimo dia, quando o boi saiu a rua pela primeira vez. Devemos, no entanto, deixar em evidencia que as atividades perduraram cerca de uma semana, conforme o convite, entre 13 a 18 de outubro (Figura 1).

**Figura 1** – Convites da Festividade do Caboclo Lourenço Légua no Sacerdote Babakeleô nos anos de 2020 e 2021. No convite do ano de 2020 foram descritas todas as atividades realizadas ao longo da festividade.



Fonte: Acervo do Museu Surrupira, 2020.



Com isso, sabemos que as atividades se iniciaram na terça-feira de tarde, quando se levantou o mastro e se fez a ladainha para o santo católico homenageado, São Pedro, santo de devoção do Caboclo Lourenço Légua. Ressaltamos que a festividade de tal santo pertence ao ciclo de festividades juninas (29 de junho) e que a festividade do Boi das Três Estrelas ocorre em outubro, após o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, celebrado no segundo domingo deste mês. Ainda neste dia, segundo o convite, houve um ensaio, na quarta, quando houve a “Maturação do Boi” e na quinta o “Batizado”, conjuntamente com cortes ritualísticos para os caboclos. Atividades que representam momentos ritualísticos, quando se fazem as oferendas e diversos rituais, inclusive com sacrifícios de animais para as entidades. Na ocasião lembramos de mencionarem o sacrifício de um boi<sup>17</sup>, que sabemos que não ocorreu nesse primeiro ano da festividade. Com relação ao batismo do Boi, representa simbolicamente o momento em que a carcaça de pano e adornos ganham vida para encantaria, quando o boi se torna um ente vivo para a comunidade, ganhando status similar ao dos encantados. Na sexta feira, ocorreu o levantamento das oferendas, para se iniciar a preparação do terreiro para receber seus convidados no sábado.

Como não participamos das atividades da festividade ao longo da semana, não sabemos precisar como foi o ocorrido, acreditamos que nem todas atividades ocorreram conforme a apresentação do convite, pois escutamos que existiram adequações ao longo do processo. O grande momento esperado por todos, era o sábado, dia do “Tambor de Mina à Seô Lourenço Légua”, quando o boi sairia para brincar pela primeira vez nas ruas do Bairro da Pedreirinha. Ao perguntarmos como seria o itinerário do boi na rua do bairro, os sacerdotes mencionaram terem dúvidas, se ele daria uma volta no quarteirão ou se ficaria apenas na praça adjacente ao terreiro. Recordamos de apontamentos de receios sobre a saída do boi, principalmente em decorrência do racismo religioso<sup>18</sup>, pois tinham medo da reação das pessoas do bairro.

No dia referido, as atividades se iniciaram pela tarde, seguindo os preceitos ritualísticos, igual a qualquer outro tambor de caboclo que já presenciamos neste terreiro, se cantando o “Imbarabô” conforme a tradição deixada por Pai Jorge Babalaô e cantando para entidades vodunças (senhores de toalha) como Averequete, Pedro Angassu e Rainha Rosa e

<sup>17</sup> Destacamos que sacrifícios de animais são comuns em diversas religiões afro diaspóricas e que os mesmos são ofertados como fonte de axé (energia vital) para as entidades, mas as carnes dos animais são preparadas e servidas durante a festividade para a comunidade e os seus convidados.

<sup>18</sup> Usamos a terminologia “racismo religioso” ao invés de “intolerância religiosa”, já que o termo tolerância pressupõem um sujeito outro, que decide o que é tolerável ou não.

consequentemente para os caboclos codoenses, principalmente Lourenço de Légua. Diversos caboclos encantados se manifestaram, principalmente os ligados a família em questão, com poucas exceções e tudo ocorreu conforme o esperado, só que em determinado momento um dos ogans<sup>19</sup> da casa foi convidado a vestir o boi e dar vida a alegoria, dançando junto aos caboclos, que brincavam e cantavam no seu entorno. Foi quando Luizinho Légua em Pai Ogunitô, vendou o boi para o levar para brincar na rua. Uma das justificativa deste ato foi mencionada por Babakeleô nas Noites no Museu Surrupira, segundo ele “quando o boi é bravo ele tem que vir com os olhos tampados” ou como escutamos na ocasião, por ser a primeira vez que ele saia na rua (Figura 2).

**Figura 2** - Boi das Três Estrelas sendo conduzido por Luizinho Légua (Pai Ogunitô) de branco e Lourenço Légua (Babakeleô) com roupa colorida.



Fonte: Acervo do Museu Surrupira, 2020, autor não identificado. Imagens cedidas por Maria Helena Carvalho.

O boi foi conduzido para praça, onde a venda foi retirada, toda a comunidade foi convidada a realizar o mesmo percurso, com abatazeiros na frente do puxadinho, onde percutiam seus instrumentos, formava-se assim um cortejo do boi com os caboclos, que cantavam e brincavam enquanto davam voltas na praça, nos mostrando a escolha do percurso. Depois retornou-se para o “puxadinho” e a festividade prosseguiu como nos conformes.

Na ocasião da primeira festividade do Boi das Três Estrelas, identificamos que se encontrava escrito na carcaça do Boi - “Boi de Francisco” (Figura 2), aspecto que nos intrigou e foi esclarecido posteriormente por Babakeleô em nosso encontro nas “Noites no Museu

<sup>19</sup> Cargo masculino de terreiros afrodiáspóricos de tradição nagô, os mesmo podem ter diversas funções como a de tocar os atabaques e realizar os cortes ritualísticos.



Surrupira”. Comentando que a ideia era que cada ano o boi homenagearia um encantado diferente e neste primeiro ano teria sido Francisco de Légua. Aspecto que nos deu a impressão que a tradição do Boi das Três Estrelas ainda estava se moldando e se construindo em seu ato inventivo e com suas reivindicações de tradição, já que nesse ano não tivemos a dimensão nominal ou simbólica do nome do boi ao longo do festejo e nem no convite (Figura 1 e 2). Outro fato que exaltou a nossa percepção, foi que nesse primeiro ano apenas se cantou os pontos cantados das entidades, não existindo toadas específicas e nem um apoderamento de toadas já existentes, como as que presenciamos os sacerdotes escutando e cantando.

Como mencionamos, não participamos do último dia do festejo, no domingo, quando se encerrou a festividade, com a morte do boi e a derrubada do mastro com o estandarte de São Pedro, santo homenageado. O que nos deixou diversas curiosidades em aberto, se existia algum ritual específico para esta ocasião, a única coisa que sabíamos era que as frutas no mastro eram distribuídas e que era escolhido o padrinho do mastro do ano seguinte. Curiosidade que tivemos de esperar, para elucidar na festividade do ano seguinte.

No ano de 2021 a festividade ocorreu entre os dias 11 e 17 de outubro, seguindo a mesma estrutura do ano anterior (Figura 1), podemos destacar uma diferença, pois neste ano houve o sacrifício do boi<sup>20</sup>, que foi tão comentado no ano anterior. Interessante notar no convite a presença de um ponto riscado na parte central, onde simbolicamente temos de cima para baixo os símbolos imagéticos de três bois, uma flecha, três estrelas e um chapéu de vaqueiro, típico de codoenses, mas não sabemos dizer se é o ponto de Lourenço Légua. Os pontos riscados servem como uma forma de assinatura das entidades e são riscados como um símbolo de força, especificamente este ponto leva diversos elementos tipicamente de codoenses, como sua ligação com o ofício de boiadeiro ou vaqueiro. O destaque desse ponto riscado é que simbolicamente representa o nome do “Boi das Três Estrelas”, nome que não foi explicitado em nenhum dos convites. Neste ano, tivemos outro caboclo homenageado, Seô Leguinha. Com relação a escolha dessa entidade, soubemos que ocorreu por um sorteio e não uma escolha advinda de Lourenço Légua ou dos sacerdotes.

A festividade no sábado procedeu conforme a descrição do ano anterior, com o Tambor de Seô Lourenço Légua (Figura 3) e o boi saindo novamente para brincar e festejar na praça.

---

<sup>20</sup> Tal ritualística aparentemente era realizada por Jorge Babalaô, sendo o animal preparado para ser servido na festividade.



Notamos algo que não tínhamos registrado no ano anterior e acreditamos que não existia, que foi uma miniatura do boi, que segundo alguns membros da comunidade do terreiro é nele que vão os fundamentos do boi. Também percebemos que na carcaça do boi já se encontrava escrito “Boi das três estrelas” e não mais o nome do caboclo homenageado (Figura 4). Evidenciamos que as três estrelas, diferindo do ponto riscado no convite, eram estrelas de seis pontas e não pentagramas, que podem possuir simbologias distintas. As estrelas de seis pontas, mais conhecidas como “Estrela de Davi” ou “Selo de Salomão” normalmente possuem um simbolismo de orientalismo, estando presente em diversos pontos riscados de codoense, se remetendo a orientação celeste, como a estrela guia que conduziu os três reis magos. Ambos representando uma forte simbologia referente à magia. Segundo Jean Chevalier (2020) a estrela como símbolo representa sobretudo a qualidade de iluminar e seu caráter celeste faz com que seja símbolos do espírito ou conflito entre forças espirituais com os materiais, “faróis projetados na noite do inconsciente” (p.465).

**Figura 3** – Tambor de Seô Lourenço em 2021, Babakeleô com Lourenço Légua no centro da imagem, cantando, e diversos caboclos no seu entorno.



Fonte: Acervo do Museu Surrupira, 2021. Autor - Equipe do Museu Surupira.

Neste ano de 2021, conseguimos descrever as atividades do último dia da festividade, chamada de “varrição” pelos mineiros, com uma conotação de aproveitamento das comidas e bebidas que sobraram do dia anterior momento de reorganização do terreiro, o que normalmente ocorre em outro dia ou no mesmo dia depois de grandes comemorações. No entanto, na



festividade do Boi das Três Estrelas se somam a “varrição” dois aspectos distintos a este momento, que é a morte do boi e a queda do mastro.

Novamente tivemos as ritualísticas da chamada dos caboclos e a saída do boi na praça, que depois foi recolhido para dentro do terreiro, saindo da visualização de todos, representado a sua morte. Não conseguimos testemunhar se houve algum ritual específico e simbólico da morte do Boi das Três Estrelas. No final, os participantes foram convocados para irem novamente à praça, onde se encontrava o mastro para derrubá-lo. Ritual comandado pelos ogans da casa, que pegaram um facão para derrubar o mastro e todos os caboclos e participantes da festividade puderam dar uma “terçada” no mastro para ajudar ele a cair, atividade que foi finalizada pelos ogans (Figura 5).

Nesse momento, as pessoas e encantados puderam pegar as frutas do mastro e quem pegou a bandeira, que se encontrava em seu topo, se tornou o padrinho/madrinha do mastro do ano seguinte. Pegar e se alimentar das frutas ou ser o padrinho/madrinha do mastro, representa ganhar axé, a energia do santo homenageado, do Caboclo Lourenço Légua, do caboclo homenageado e do Boi das Três Estrelas. Energia que é entendida como dádivas de prosperidade e resolução de pedidos para todos os que participam da ritualística.

**Figura 4** – Carcaça do Boi das Três Estrela no Puxadinho e boi em tamanho pequeno, o qual levaria os fundamentos.



Fonte: Acervo do Museu Surrupira, 2021. Autor - Equipe do Museu Surrupira.

Devemos destacar que além dos pontos dos caboclos cantados no ano anterior, registramos uma toada específica feita para o Boi das Três Estrelas, que soubemos que foi composta e dada por um dos encantados da casa, o Caboclo Ademar de Légua de Alaguiã:



Onde está esse boi?  
Diz que veio, mas não vinha.  
É o Boi das Três Estrelas.  
Ele nasceu na Pedreirinha” (Autoria Ademar de Légua)

Por fim, destacamos que essa tradição de bois de encantaria, são vistas como um “brinquedo”, uma diversão que evoca diversos sentidos religiosos como os aspectos de promessas e de bênçãos. Como dito por Luizinho Légua durante o festejo, a festividade de Boi para os encantados é “semelhante ao futebol para vocês no mundo do pecado”. Isto é, um momento de grande alegria em que sua família e outros encantados se reúnem e confraternizam com as pessoas do “mundo do pecado”, transmitindo a sua alacridade.

**Figura 5** – Momento anterior a Derrubada do Mastro de São Pedro, último dia da festividade, 17/10/2022.



Fonte: Acervo do Museu Surrupira, 2021. Autor - Equipe do Museu Surrupira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrevemos que Boi das Três Estrelas surge como uma tradição inventada, mas que reivindica uma tradição, estando ele posto em um sentido de recuperação de aspectos que foram perdidos e para isso ele se constitui em um mozaico de saberes e fazeres, que partem das próprias memórias/imaginários referentes a Pai Jorge Babalaô, assim como outras experiências que se somam e se apresentam como parte integrante desta festividade.

Aspecto que compreendemos ser comum nas religiões afrodiáspóricas, por que compreendemos que historicamente elas foram postas em zonas de fronteira, onde tiveram que se hibridizar para continuar existindo e resistindo. Por isso, temos diversos aportes étnicos



nessas religiões, como os africanos, mas também os indígenas, europeus, dentre outros. Logo, compreendemos que inventar ou afirmar uma tradição é um meio de resistência e que permite a vivacidade cultural afrodiaspórica, sendo esse um processo relevante que funda novas possibilidades e imanências nesse exitir complexo de disputa e dominação no contexto da colonialidade do poder, vivenciado fortemente pelas tradições afrodiaspóricas.

Podemos assim compreender que os bois de encantaria ou bois de encantados são uma tradição advinda do Maranhão, mas que em Belém essa tradição se faz presente por meio de sua ressignificação, já que se estruturou de forma distinta. Como no caso do Festejo de Lourenço Légua, pois ele se fundiu como um desdobramento direto de sua festividade, onde as doutrinas de encantados e dos codoenses ganharam destaque ao invés das toadas de boi, adaptando-o a realidade possível e contextual de sua produção cultural.

Entendemos com isso que essa tradição de boi de encantaria não se faz tão presente na região metropolitana de Belém, em contrapartida alguns terreiro buscam difundir esse tipo de festividade, muitas vezes a pedido dos seus encantados ou por interesses particulares por este tipo de celebração. Geralmente tomando como base a reivindicação da tradição maranhense, como a realidade observadas no Boi das Três Estrelas.

Podemos assim tecer algumas considerações, como: o não apoderamento de toadas tradicionais existentes, que foram substituídas por doutrinas de encantados e que, no caso do segundo ano, a apresentação de uma própria toada do boi, composta por um encantado; os aspectos presentes entre constituição de uma identidade, que dialoga no sentido da gênese, da permanência e morte da tradição; as relações de confraternização entre o “mundo do pecado” com o dos encantados, evidenciadas no fato dos encantados pedirem a realização do boi e comporem toadas; assim como o receio do racismo religioso, pois tal população não estaria acostumada com a festividade; e a constituição de um fazer que transita entre o sacralidade das dádivas e responsabilidades, mas também das alacridades do boi como “brinquedo”<sup>21</sup>.

Por fim, o Boi das Três Estrelas em seu contexto representa uma tradição cultural única que se caracteriza dentre as tradições culturais de bumba-meu-boi, tendo as suas particularidades, que seguiu os princípios inventivos de tradições, se compondo como um produto híbrido, que aparentemente vem se moldando a sua realidade, se aperfeiçoando

---

<sup>21</sup> Fazemos referência aos folguedos, que configuram manifestações populares geralmente marcados por seu caráter lúdico e que surgem sob influência religiosa, neste caso especificamente as religiões afrodiaspóricas.



conforme a interação com a sua comunidade e suas demandas. Isto sem ter a pretensão de se equiparar à cultura maranhense, pois percebemos a intensão plena de desenvolver uma “brincadeira de boi”, local, mas também com devoção. Nesse sentido, esperamos que esta tradição permanessa, mas em caso positivo, sem duvida passará por novas reformulações e adequações. Por fim, devemos destacar que o boi de encantaria se mantém vivo no imaginário dessa comunidade de terreiro, seja pelo aspecto ancestral da tradição de Pai Jorge Babalaô, pelas lembranças das festividades já realizadas ou até através de futuras intenções de manifestação do “Boi das Três Estrelas” ou de outro boi que poderá nascer para brincar com os encantados do Tambor de Mina.

Em memória de Pai Felipe Antônio Santos Carvalho (Babakeleô)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CLIFFORD, James. Museum as contact zones. In: CLIFFORD, James. **Routes**. Travels and translation in the late Twentieth Century. Cambridge: Harvard University Press, 1997. p. 188-219.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – A Casa Fanti-Ashanti**. São Luís: EDUFMA, 2000.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Ed. Siciliano, 2001.
- FERRETTI, Mundicarmo. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. **VI Seminário de Ações Integradas em Folclore**. São Paulo, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. São Luís: Iphan/MA, 2011.



LEITE, João Denys Araújo. **Um teatro da morte:** transfiguração poética do bumba-meu-boi e desvelamento sociocultural na dramaturgia de Joaquim Cardozo. Recife: Fundação de Cultura Cidade, 2003. 324p.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Diogo Jorge de. **Festas de encantarias:** as religiões afro-diaspóricas e afro-amazônicas, um olhar fratrimonial em Museologia. 2008. 269p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2020.

MELO, Diogo Jorge de; ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti; BARROSO, Gisele Nascimento; SOUZA, Ana Cristina Silva; CARVALHO, Maria Helena Cruz de; SOUZA, Arielle Caroline Ramos. Noites no Museu Surrupira: experimentações museais, saberes e memórias afro-diaspóricas na Amazônia. In: DANTAS, Jefferson Fernandes (Org.). **Entre lugares e memórias:** reflexões sobre patrimônio histórico e educação patrimonial na Amazônia. Santarém: Ufopa, 2022, p.72-92.

MUHAD, Jorge (Ed.). A história de Jorge Itaci de Oliveira. **Revista Plural**, n.2, 2012, 36p.  
NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas – boi-bumbá, ciranda e sairé.** Manaus: Editora Valer, 2008.

PRANDI, Reginaldo. A dança dos encantados: uma análise do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros. In: MAUÉS, Raymundi Heraldo; VILLACORTA, Gisele Macambira (Org.) **Pajelaças e religiões africanas na amazônia.** Belém, ADUFPA, 2008, p. 31-49.

PRANDI, Reginaldo; SOUZA, Patricia Ricardo de. Encantarias de Mina em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira:** o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p.216-280.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

SÃO LUÍS. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão:** dossiê do registro. São Luís (MA): Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Superintendência do Iphan no Maranhão, 2011.



SANCHES, Abmalena Santos. **O universo do Boi da Ilha:** um olhar sobre o bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão. Recife: UFPE, 2003. Dissertação de Mestrado em Antropologia. 192p.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v.31, n.3, p.433-466, 2005.

**Artigo recebido em: abril/2022**

**Artigo aceito em: novembro/2022**